

Apresentação

A difusão do pensamento de uma disciplina científica depende sobretudo das suas revistas de divulgação. Estas passaram por diversas fases, desde um período mais autônomo, no qual cada revista construía, de acordo com sua história, o seu próprio perfil de temas, de artigos ou ensaios, de âmbito “geográfico” de abrangência, até os dias atuais nos quais a unificação e homogeneização dos padrões de avaliação em nível nacional e internacional tem praticamente uniformizado as revistas, com uma consequente perda de diversidade regional, temática e de formas de divulgação.

Nos últimos anos a ocupação do espaço acadêmico de debate de ideias pelos índices de impacto, pelas métricas, filhos do produtivismo, tem condicionado a permanência de muitas revistas as quais passam a dar uma importância maior às suas estratégias de sobrevivência na “seleção natural darwiniana” do mercado editorial-acadêmico do que para a divulgação em si de um campo da ciência. Assim busca-se autores “estrela”, possibilidades de citação, índices de impacto, internacionalização... as palavras-chave do momento da pesquisa e da pós-graduação que vivemos.

Para Onde!? tenta sobreviver, resistir e se adaptar a este momento. Esperamos que tenhamos sucesso, sem, entretanto, abandonar alguns princípios que adotamos como revista de um programa de pós-graduação em geografia, que tem entre seus objetivos, exatamente a divulgação da Geografia que se faz e se produz no âmbito dos programas de pós-graduação.

Neste número da Revista Para Onde!? apresentamos um conjunto de artigos que de forma “não intencional” compõe, o que poderíamos chamar de um dossiê de leitura sobre a temática urbana brasileira e latino-americana.

O número inicia com o artigo do professor da Universidade de Buenos Aires Pablo Ciccolela sobre as metrópoles latino-americanas no contexto da globalização. Trata-se de uma discussão pertinente do presente e do futuro de nossas metrópoles em um contexto no qual os impactos globais incidem sobre as heranças de um espaço-tempo de modernidade incompleta, mas que continua interagindo e dialogando com os contextos globais.

Seguem este artigo, outros três que tratam da realidade urbana brasileira no âmbito espacial do que poderíamos considerar “cidades médias”. Primeiro, o artigo de Lilian Chiernev analisa o metropolitano funcional e as implicações do Estatuto da Metrópole, um debate importante de como uma lei federal abstrata pode incidir na gestão de espaços reais e concretos. Ainda mais em um país onde muitas leis não cumprem com as finalidades pelas quais foram promulgadas necessitando de regulações, emendas e revisões.

Segue o artigo de Paula Novack que trata da formação de uma identidade espacial em um contexto de hipermodernidade urbana. Igualmente estamos nos referindo a um contexto urbano e social no qual a hipermodernidade convive com outras modernidades pretéritas, com as quais se embate e se mescla gerando uma nova complexidade urbana.

Finaliza esta “primeira parte” o artigo de Ana Cristina Aguiar sobre a produção do espaço urbano de Rio Grande no período do “polo naval”, experimento (neo)desenvolvimentista do Estado brasileiro, que gerou fortes impactos socioespaciais no espaço urbano riograndino exigindo do Estado, especialmente no seu nível local, respostas com políticas públicas, especialmente a habitacional.

Seguem a revista outros artigos que compõe as diferentes linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS.

Os dois seguintes com foco na linha de pesquisa em análise ambiental. Primeiramente o artigo de Cleiva Perondi, Kátia Kellem da Rosa, Pedro Germano dos Santos Murara que trata da fragmentação florestal e mudanças na distribuição biogeográfica na Microbacia do Rio Mão Curta, Sananduva, RS, artigo de análise dos impactos da regressão das florestas na macrofauna regional. Partindo de uma metodologia de análise que leva em consideração fatores ambientais e socioeconômicos da ocupação do território, o artigo contribui com o planejamento de ações de conservação e monitoramento ambiental na área de estudo.

O segundo, de André Medeiros de Andrade, Roberto Ferreira Machado Michel, Ulisses Franz Bremer e Carlos Ernesto G. R. Schaefer, trata da caracterização morfométrica da Península Fildes, Ilha Rei George, na Antártica. O trabalho tem por objetivo quantificar e analisar os parâmetros morfométricos da Península Fildes, visando o conhecimento do relevo dos ambientes da Antártica Marítima. O estudo contribui para ampliar as informações de ambientes árticos obtidos com escalas detalhadas, produto de suma importância para o conhecimento do continente e para outros estudos vindouros.

A linha de ensino de geografia encerra o número com o artigo de Raphaela Desiderio e Ivaine Tonini sobre "fotografias de África: entre invenções e aventuras". Trata-se de um artigo que problematiza a construção de saberes sobre o Continente Africano, o qual é frequentemente apresentado como um espaço estigmatizado de fome, miséria e guerras. Neste sentido o artigo pretende contribuir para a construção de uma visão plural de África, para que os estudantes compreendam melhor este continente e que esta "nova" visão repercuta também na discussão das relações étnico-raciais na Geografia Escolar e na escola.

Contemplamos assim um amplo e diverso leque de abordagens, temas e linhas de pesquisa da geografia que se faz na pós-graduação. Esperamos que os artigos aqui apresentados contribuam para o debate e o avanço da ciência geográfica. Boa leitura!

Paulo Soares e Kátia Kellem.